

## ARQUEOLOGIA E MODERNIDADE

*Neroaldo Pontes de Azevedo\**

Em um sensível e erudito texto sobre o tempo e os tempos, o Prof. Alfredo Bosi, da Universidade de São Paulo, machadianamente sublinha: “E quando os mortos se vão depressa, não há história consistente”.

Palavras oportunas para refletirmos a propósito de nosso tempo contemporâneo, uma modernidade ambígua, uma História em aceleração incontrollável dos acontecimentos, um “eterno presente” que se nega e se destrói a cada instante.

Pois que o tema proposto para essa palestra — Arqueologia e Modernidade — não é senão uma face, entre muitas, de uma versão atualizada do constante e milenar embate da Humanidade entre o velho e o novo, posto e reposto nas épocas de rupturas e mudanças no percurso histórico.

O senso comum, perceptível das aparências fenomenológicas, simplifica bipolarmente uma problemática cuja estratigrafia é extremamente complexa e dialética: a atitude dos homens perante o tempo passado e suas mutações. Assim, — poderíamos dizer —, a ótica formal identifica a Arqueologia com o tempo passado, portanto, antagônico ao tempo presente da modernidade.

Será o caso, pois, de interrogarmos: Por que será, então, que é precisamente esta modernidade a parteira da Arqueologia? Por que será, então, que é esta modernidade a valorizar e expandir a Arqueologia?

Tal paroxismo só se resolve mediante a ruptura de um comportamento absolutamente moderno e pós-moderno: a concepção de uma história linear de progresso contínuo. Ao longo da História, nem sempre moderno tem significado necessariamente o novo, e antigo nem sempre tem significado o velho, o tradicional. Se tomarmos como exemplos

\* Reitor da Universidade Federal da Paraíba.

movimentos no campo das mentalidades ou da cultura, como o humanismo renascentista ou o modernismo idealista latino-americano dos fins do século XIX e início do século XX; e, no campo da economia e da política, a expansão européia sobre a África e a Ásia, temos que concordar com Jacques Le Goff: “Na metáfora das idades da vida”, “o combate entre antigo e moderno será menos o combate entre o passado e o presente, a tradição e a novidade do que o contraste entre duas formas de progresso: o do eterno retorno, circular, que põe a Antiguidade nos píncaros e o progresso por evolução retilínea, linear, que privilegia o que se desvia da Antiguidade”<sup>1</sup>. Quão pouco modernos foram os cacoetes vanguardistas do primeiro momento modernista brasileiro. Quão pouco moderno foi o culto romântico da velocidade e da máquina na então ainda provinciana São Paulo de 22. Quão moderna, porém foi, e é, a proposta de deglutição antropofágica do passado, com vistas ao resgate de verdadeiros valores da tradição.

A ambiguidade implícita em cada ponta dessa falsa polaridade e nas relações que se estabelecem entre as partes, não faz, portanto, do novo apanágio apenas da modernidade. A nossa modernidade, ultratemporânea, é ainda mais intrincada: ao acelerar o tempo, potencializa o transitório, o fugidio, o aleatório, o contingente, eterniza o presente, busca prolongá-lo no futuro para evadir-se do enfrentamento com a própria transitoriedade e perecimento da vida humana.

A precariedade humana assusta o homem. O clássico Camões soube atualizar o sentimento, cantado no antigo testamento, do pastor Jacó que, não sem decepção, após sete anos de serviço em que recebe de Labão a filha Lia, começa a servi-lo por mais sete anos na busca de merecer a bela Raquel; “mais servira se não fora, para tão longo amor/tão curta a vida”. A modernidade, voraz do tempo, confunde-o na “dialética contínua entre o esplendor da vida e das obras, o gozo dos prazeres e a rapidez, a facilidade com que tudo pode desabar e ser envolvido pelo sudário da morte, pela burla do destino, pelo inescotável evoluir na Natureza”<sup>2</sup>, como explicita a refinada percepção de Le Goff. E o passado torna-se uma “enorme ferida”.

1. G. Antigo/Moderno. In: *Enciclopédia Einaudix Memória/História*. c.l.p., Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1984:369-370.

2. Id. *ibid*.

Por tudo isso, a Arqueologia não é arqueológica, no sentido de identificação com o ultrapassamento. A Arqueologia pertence à modernidade.

Moderna, não somente porque o Renascimento a fez despontar e o imperialismo dos séculos XVIII-XIX possibilitou-lhe instituir-se no campo do conhecimento.

Moderna, não somente porque se vale hoje das mais avançadas contribuições científicas, em uma perspectiva interdisciplinar, combinando arte e tecnologia, e integrando o processo de construção de um paradigma diferente para a compreensão do mundo tão multirrelacional do nosso tempo.

Moderna, não só porque tornada atraente na esteira de dinossauros spielberguianos desfilando nas telas, reconstruídos pela informática.

Moderna, sobretudo, porquanto reveladora dos icebergs do passado postos na travessia para o futuro. Moderna, pois, na sua dimensão filosófico-humanística.

Bosi afirma:

“Dadas são pontas de icebergs.

O navegador que singra a imensidão do mar bendiz a presença dessas pontas emersas, sólidos geométricos, cubos e cilindros de gelo visíveis a olho nu e a grandes distâncias. Sem essas balizas naturais que cintilam até sob a luz noturna das estrelas, como evitar que a nau espedace de encontro às massas submersas que não se vêem?

... A memória das sociedades precisa repousar em sinais inequívocos...

Dadas são pontos de luz sem os quais a densidade acumulada dos eventos pelos séculos dos séculos causaria um tal negrume que seria impossível sequer vislumbrar no opaco dos tempos os vultos dos personagens e as órbitas desenhadas pelas suas ações. A memória carece de nomes e de números. A memória carece de numes”<sup>3</sup>.

Diante desse temor perante a mudança, desse cotidiano repetitivo construído pela modernidade, dessa desdiferenciação produzida pelo progresso, por que a Arqueologia?

Será a Arqueologia um mergulho no passado, como evasão deste desencantamento do mundo trazido pela tecnologia e a razão instrumental, uma utopia de reencantamento?

3. Cf. “O tempo e os tempos”. In: NOVAES, Adauto(org.) *Tempo e História*. São Paulo, Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992:19.

Será a Arqueologia a sinalização do perecimento, ruína material simbolizando a ruína humana, dado que o presentismo da modernidade contém um futuro passado?

Pode até sê-lo.

Os materiais arqueológicos são fragmentos e signos emblemáticos.

A tirania do nosso tempo unívoco gesta a antítese dos vários tempos, estilhaçando a nossa identidade, o nosso estar-no-mundo. Enquanto trágico, este, da História, que vivenciamos, nos enformando no anonimato da massificação e, no mesmo movimento, nos atomizando ao extremo do estranhamento etnocêntrico.

Também somos hoje viventes dos significantes, esvaintes de significado. A reificação da mercadoria nos torna presas fáceis da forma, do novo pelo novo, das embalagens.

Conforme a roda da História-processo, tal a memória construída, a história processada. Esquecimento, memória ausente, ou preservação, memória imobilizada, a contemporaneidade tem elaborado um invólucro escapista para a perplexidade e o medo dos que se atordoam com a brevidade turbilhonante do presente e a incógnita do futuro. Dos conservadores — antigos, no senso comum — que imaginariamente esperam poder deter um tempo, burguesamente transido, congelando-o para frente ou para trás, na tentativa de consignar-lhe uma durabilidade e solidez burguesamente impossibilitadas pelo consumismo que devora as permanências, enquanto tempo eternamente inacabado.

Nestes termos, os materiais arqueológicos seriam apenas dados brutos de museus ou amostras de espetaculosidade. Nada tão novo/novidade como as itacoatiaras do Ingá. Mais do que elas, porém, a múmia do Tirol, a ponto de mulheres desejarem ser fecundadas pelo seu sêmen. Nada tão velho/conservador, nem itacoatiaras, nem múmias, mas a atitude dos homens contemporâneos perante o passado, querendo restaurá-lo a todo custo no futuro, reafirmando o poder mágico da tecnologia, na prestidigitação de que a História presente, do progresso contínuo, mediante a técnica, nos trará a imortalidade.

Mas a Arqueologia pode ser muito mais do que isso, muito diferente dessa Antiguidade indesejada.

Fonte primária da História, como diz a Prof<sup>a</sup>. Gabriela Martin, na Apresentação do Programa dessa Reunião, reiteramos, a Arqueologia pertence, histórica e filosoficamente, à modernidade, foram as interro-

gações da modernidade e a problematização de sua época que possibilitaram se desentranhassem das camadas do espaço e do tempo as marcas da experiência humana e se balizasse a História em horizontes até então subterrâneos.

Walter Benjamin nos adverte da barbárie produzida pela civilização contemporânea, quando esta renega a experiência e “não a vincula a nós”, quando não estabelece o nexo entre passado e presente e se refugia na atemporalidade presentista ou futurista.

Posto que o passado é uma representação construída, os materiais arqueológicos são vivos porque lhes damos vida e dão-nos tantas respostas quantos puderem ser nossas interrogações, em um diálogo *sui generis* mediatizado por séculos, milhares e milhões de anos. Ao escavarmos os sítios, estamos escavando a nós próprios enquanto espécie, realizando a Arqueologia do nosso desconhecimento sobre o nosso ser biológico, a nossa presença no mundo, a nossa relação com a Natureza. Escavamos os nossos fragmentos, aos quais é preciso dar significado.

Já se disse que

“A herança pode construir tanto um estímulo inspirador como uma obstrução física e psicológica.”<sup>4</sup>

A Arqueologia já se desempenhou e, em muitos lugares ainda se desempenha como signo do tempo morto trazido pela barbárie benjaminiana, quando, internalizando o tempo imperialista e dominador, expropria e interdita a experiência cultural de muitas sociedades.

Mas a nossa modernidade mais recente, perscrutadora de novas rupturas na História, aponta, felizmente, para a virtualidade de nos devolvermos a compreensão e não a evasão do tempo presente: a Arqueologia participa do resgate da relação Homem-Natureza e, ao fazê-lo, ilumina o entendimento do enorme fosso entre Natureza e Cultura, produzido pela razão instrumental; a Arqueologia inventaria experiências culturais diversificadas e, ao fazê-lo, ilumina o entendimento da relação entre temporalidade social uniforme e múltiplas temporalidades sociais, entre o Eu-único e o Outro, inventariando diferenças e comparando aproximações; a Arqueologia desvenda objetos sincronicamente carregados de vida cotidiana e de perspectiva transcenden-

te, materialização de nexos entre tecnologia, arte, religião e, ao fazê-lo, ilumina o entendimento de nosso divórcio presente entre corpo e mente, matéria e imaginário. A Arqueologia, enfim, substrato para a História, pavimenta lições de tempos vividos sobre a totalidade, o movimento e a multiplicidade das tessituras sociais, iluminando as nossas identidades estilhaçadas, o nosso presentismo letal, a nossa massificação.

Marinetti, arauto do modernismo futurista, combatia os arqueólogos de sua época, criticando a tradição imobilista. Mas temia também o valor inscrito no passado. Hoje, talvez não o fizesse, e até mesmo aprendesse que a recuperação do passado, enquanto Arqueologia do saber, nos pode devolver um humanismo posto em remotas eras, por isso dito primitivo, mas que chamaríamos de primordial. Somente retomando este Humanismo posto na experiência humana vivida, como o fizeram em parte os homens do Renascimento, somente reatualizando-o para o nosso tempo e suas problematizações, encontraremos respostas reais para a imensa dor existencial da nossa transitoriedade.

A modernidade torna-se, assim, também antiga, na acepção do respeito — não a veneração idolátrica — à experiência, no cotejo com o cotidiano presente, a não-experiência de que se produzirá uma História virtual concreta e palpável, menos ilusionista ou caricata, porque nos trará o nexo, o sentido, o conteúdo, da trajetória humana.

Arqueólogos e arqueólogas e todos nós: neste momento em que se instala esta Reunião, em um tempo em que a Arqueologia tem se expandido no bojo do movimento profundo do próprio alargamento da memória e da História no mundo inteiro, em que o Nordeste, mediante este Encontro, se explicita na ação de integrar essa corrente cultural, desenvolvamos nossos trabalhos refletindo sobre as palavras ditas por Aduauto Novais, um estudioso da contemporaneidade:

“É evidente que vivemos um momento prodigioso da técnica, com transformações profundas das noções de espaço e tempo; mas a política do espírito não acompanha esse alargamento do mundo, pelo contrário, vemos dominar no homem o encolhimento das fronteiras éticas e o esquecimento de algumas idéias essenciais que fundam o Humanismo.

\*\*\*\*\*  
É impossível despojar o mundo das suas ambiguidades, paradoxos e enigmas, e dominá-lo plenamente por meio da racionalidade técnica e de forma siste-

mática. No lugar de habitar o mundo, acolhê-lo, viver no meio dos acontecimentos, o homem moderno tem a pretensão de dominá-lo pela técnica. Mas ele não se dá conta de que essa pretensão é o que o transforma no escravo moderno: dominado por causas exteriores, o homem perde a prudência, e age como qualquer ser passional, isto é, tudo o que ele faz só o faz porque é levado pelos acontecimentos.

.....  
Ora, sabemos que essa visão conclusiva do mundo é impossível, pela própria natureza das perspectivas de se realizarem plenamente, porque é a própria idéia de perspectiva que funda a História...”<sup>5</sup>

5. Cf. “Sobre Tempo e História”, na obra citada na referência 3. pp. 14, 15 e 16.